

MÚSICA  
30 NOVEMBRO 2017

# Seckou Keita

FUNDAÇÃO CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

***Culturgest***



Qui 30 de novembro · 21h30  
Grande Auditório · Duração: 1h30 · M6

Corá Seckou Keita

## Rei griot

Nas sociedades tradicionais africanas tal como nas cortes europeias, o que incumbia aos reis a estes estava reservado e o que se esperava dos bardos a eles só se deixava, regra geral a tarefa de prestarem loas aos primeiros e de os entreter. Em Portugal, tivemos uma exceção: D. Dinis escrevia umas trovas e interpretava-as nos serões da fidalguia, mas porque a sua cabeça levava uma coroa e os lusitanos tendem a ser permissivos (ou a subjugarem-se a quem manda, que é o mais certo) essa era uma fantasia que todos lhe toleravam. Na África Ocidental do século XIII já tal prática era tabu: rei que se fizesse respeitar não podia criar música ou contar as velhas histórias do seu povo em volta de uma fogueira. Era ao clã *griot* que tal papel cabia em exclusivo e assim foi

acontecendo, geração após geração, até aos dias de hoje, não obstante as transformações que se sucederam, com o colonialismo e o advento do capitalismo.

Agora que não há reis a governarem no continente-mãe, já foi possível surgir na música alguém como Salif Keita, descendente direto, tanto por via paterna como materna, de Sunjata Keita, o fundador do Império Mali, que compreendia os territórios de 11 dos atuais países africanos. Com uma maior “legitimidade” histórica, também um músico como Seckou Keita ganhou relevância planetária: se este é igualmente herdeiro do imperador pelo lado do pai, é também *griot* pela linhagem da mãe, uma Cissokho, família de cantadores e contadores de Casamance, no Senegal.

Mas não é legitimidade o que Seckou Keita vem procurando. Se faz questão de iniciar os seus concertos com dois temas ancestrais, o resto das suas apresentações públicas é preenchido pelo entendimento muito pessoal que tem da música mandinga, muitas vezes misturando-a com outros géneros. Aliás, essa é uma característica que lhe vem da juventude: já quando o avô materno lhe transmitia os rigores da aprendizagem do corá, o mais nobre instrumento da tradição cortesã, ele desviava a atenção para outros mais populares, como os tambores *seourouba*, *djembé* e *sabar*, pois interessava-se muito particularmente pela forma percussiva *griot* a que se chama jali dundun. Ao mesmo tempo, punha-se a tocar os estilos dos seus vizinhos em Lidiane, subúrbio de Ziguinchor onde pacificamente conviviam muçulmanos, animistas e cristãos

das etnias Wolof, Fulani, Djola, Manjak e Balantes.

O avô não apreciava esses desvios, mas contemporizava – Seckou era um menino-prodígio, uma criança que fora bafejada pelos *djinns* (espíritos) do mato como poucos na família. E assim como este fez a opção de utilizar todos os tipos de afinação do corá nas regiões reino de Gabou, onde atualmente ficam o Sul do Senegal, a Guiné-Conakry e a Guiné-Bissau, também teve a audácia de inventar novas afinações para a sua harpa de 22 cordas – não as habituais 21 (diz a lenda que o primeiro corá, oferecido pelos *djinns* ao *griot* Jali Mady “Wuleng”, tinha 22 cordas, tendo a 22.<sup>a</sup> sido retirada em homenagem a Mady quando este morreu, em todo o Império menos no Gabou), para preservar essa particularidade da sua origem geográfica. Estas liberdades finalmente permitidas revelaram um Keita filósofo: «Nada há que seja certo ou errado. Era apenas suposto que sucedesse assim.»

A maneira como Seckou toca deriva, aliás, de um erro providencial: «Um dia em que estava simultaneamente a tentar trabalhar e a tratar da minha filha comecei a tocar e percebi que tinha afinado mal o corá. Só que adorei o som que saí e procurei fazer alguma coisa com ele. Era bastante diferente do que me tinham ensinado, mas com muito trabalho e com a mente aberta desenvolvi essa nova configuração.» Ou seja, uma tradição que era passada de pais para filhos com poucas inovações tornou-se, com Seckou Keita, iminentemente experimental, sem com isso perder a identidade de sempre.

A sua internacionalização trouxe-lhe as restantes características que lhe conhecemos, tendo início quando o seu tio Sadio Cissokho o integrou num grupo que levou à Noruega para uma intervenção num festival, o Rikscenen, em que participaram músicos de Cuba e da Índia. Essa viagem conduziria a outras deste trovador dos tempos modernos até ao subcontinente asiático, para atuar com o famoso violinista L. Subramaniam, o mesmo que tocara com luminárias do jazz como John McLaughlin, Larry Coryell, Jean-Luc Ponty e Billy Cobham. A seguir, veio o envolvimento de Seckou Keita com um músico da Serra Leoa que acompanhara Miriam Makeba, Manu Dibango e Paul Simon, Francis Fuster, bem como com um tocador de *riti* da Gâmbia, Juldeh Camara, que haveria de ganhar nome ao lado de Robert Plant e Justin Adams, o membro dos Jah Wobble’s Invaders of the Heart que também produziu, para além do referido ex-Led Zeppelin, figuras como Brian Eno e Sinéad O’Connor.

Daí à formação de um grupo que misturava música africana, árabe e indiana com *funk* e jazz foi um passo, o primeiro na direção do projeto que Keita partilha presentemente com o pianista cubano Omar Soza. De jazz afro-latino se trata, envolvendo teclados elétricos, corá e uma multiplicidade de percussões – as do bardo mandinga, as de Gustavo Ovalles com nomes como *culo’e puya* e *guataca* e a marimba, tocada ocasionalmente por Soza com referência no balfon. O primeiro encontro entre ambos foi, ao que se conta, de pura magia, com comentários de outros músicos

que assistiam como: «Oh Deus, o Omar não consegue parar! Ele percebeu que Seckou tem resposta para tudo o que ele mete na música!»

Keita não se ficou por aí na procura de uma outra capacidade da música que não elogiar os poderosos, ele que vem de antepassados reais: promover a paz e a concórdia no mundo. Formou um duo com a harpista britânica Catrin Finch, com percurso realizado na música clássica europeia (ficou famosa a sua adaptação para harpa das *Variações Goldberg* de Bach) e na música celta, vertente galesa, em substituição do seu grande rival entre os virtuosos do corá, Toumani Diabate, quando este se viu impedido de viajar do Mali para um concerto, devido a um golpe de estado promovido naquele país pelos fundamentalistas islâmicos. Se os resultados da parceria entre Finch e Diabate se tinham revelado difíceis de obter, com Seckou Keita a empatia surgiu com a maior das naturalidades, levando à criação de uma música universalista de especial elegância, uma música de câmara reinventada pelas sonoridades de África, ou como o músico diz, «uma música da alma, cheia de detalhes, que não é para dançar, mas para ouvir».

Segundo Keita, essa propensão já estava inscrita na própria tradição mandinga: «O aspeto mais belo da nossa música é o facto de não ser necessário compreender as palavras que se cantam para entender a linguagem e a canção. Há canções que vêm do ventre e canções que vêm do coração e da mente: em todos os casos o significado obtém-se a partir do sentimento que a voz e

a música estabelecem em conjunto.» Esta particularidade tem levado a que se coloque Seckou Keita no domínio da *world music*, mas ele não aceita esse rótulo. «É apenas uma designação de marketing, porque o que eu faço não é música do mundo, mas música para o mundo», argumenta.

O que vamos ouvir na Culturgest não é, de qualquer modo, o que vem apresentando com Omar Soza e com Catrin Finch nas franjas do jazz e da música erudita. O repertório partirá daquele que ficou registado no álbum a solo *22 Strings*, num jogo entre o alargamento das potencialidades físicas e lexicais do corá e um regresso ao passado profundo, em alguns casos o do século XIII, aquele que marca os inícios conhecidos da música tocada por este cordofone que não o é, pois as ditas cordas são linhas de pesca. «Este instrumento transportará sempre consigo algo de antigo, seja qual for o contexto em que o coloquemos, como o rap ou o rock, e sejam quais forem os efeitos eletrónicos que lhe juntemos, como o pedal *wah-wah*. O meu propósito, neste contexto, é colocá-lo novamente no lugar a que pertence, o das suas verdadeiras origens. Posso fazê-lo de forma diferente, mas a sua essência está lá. Interiorizei a estrutura e sigo a estrutura, mas cheguei a uma altura da minha vida em que posso dar aos outros o que recebi por meio daquilo que considero ser próprio do nosso tempo», diz.

Rui Eduardo Paes

Ensaista, crítico de música,  
editor da revista *online jazz.pt*

## Seckou Keita

Muito se escreveu a propósito do *griot* – o bardo do Oeste africano – e da riqueza do testemunho que lhe corre nas veias. Os seus seguidores maravilham-se perante as suas aptidões e o seu engenho enquanto poeta, historiador, músico, arquivista, diplomata e muito mais. Quem está de fora pasma ante o manancial de sabedoria transmitida oralmente, de geração em geração.

Mas a história do *griot* é também uma história pessoal. E é neste encontro entre a narrativa e a pessoa que se descobre a verdade: uma história onde a fragilidade humana permite vislumbrar verdades universais.

Seckou Keita nasceu em Lindiane, no Senegal, a 14 de fevereiro de 1978. Descendente de uma antiquíssima família de reputados *griots* pelo lado materno, e do Imperador Sunjata Keita (séc. XIII) por via paterna, Seckou pode recitar a sua ascendência *griot* numa linhagem contínua que se perde no tempo... e o destino dos *griots* era cantar os louvores de Sunjata e dos ‘Keita’, seus descendentes. Ser *griot* e Keita é ter o sangue dos reverentes e dos venerados, é ser, a um tempo, o Bardo e o Senhor, o Poeta e o Rei...

Em linha com a tradição, e orientado por Jali Kemo, seu avô, Seckou iniciou a sua aprendizagem do corá aos sete anos. O seu talento precoce, combinado com um regime rígido de aprendizagem, depressa lhe rendeu o epíteto de Seckou *jali n’ding* – Seckou o pequeno *griot*.

Aos quinze anos participou numa competição regional de música em

Dakar, naquela que foi a primeira de muitas viagens regulares a esta cidade e o prenúncio de futuras digressões que o levaram à Noruega e, posteriormente, à Índia, onde participou numa série de concertos com o reverenciado compositor e violinista Dr. L. Subramaniam.

A partir desse momento, a vida de Seckou tornou-se um rebuliço constante que o fez contactar mundos musicais desconhecidos. Voltou à Noruega, e visitou Inglaterra onde realizou *workshops* com a companhia Dada Drum de Ross Moore. Mais tarde casou com Jackie Zammit, e em 1999 instalou-se em Inglaterra onde, nesse mesmo ano, nasceu a sua filha Bintou.

O ritmo intenso da vida profissional de Seckou foi impulsionado pelo reconhecimento dos seus talentos musicais e pela sua capacidade de diálogo com todo o género de pessoas. Fez uma digressão com Francis Fuster, músico de Serra Leoa, com Miriam Makeba e Manu Dibango, e com o grupo Baka Beyond, cujos fundadores Martin Cradick e Su Hart o ajudaram a produzir o seu primeiro álbum solo de corá intitulado *Baiyo* (Órfão), em 2000. Neste álbum, Seckou apresentou afinações experimentais do corá cujo resultado, diferente e inesperado, proporcionou que realizasse o seu desiderato de levar, suavemente, o corá para o mundo moderno, sem perder de vista o respeito pelo seu passado.

Os anos que se seguiram foram marcados por uma intensa atividade de produção e parcerias musicais, pelo ensino, e por digressões e *workshops* que lhe trouxeram não apenas o reco-

nhcimento do seu imenso talento, mas também a bênção adicional de um amplo círculo de bons amigos.

Dessa atividade vale a pena lembrar o seu envolvimento no festival WOMAD – Singapura, Austrália e Canárias, a fundação de Jali Kunda (Família Griot) em 2003 e do seu álbum intitulado *Lindiane*; o seu trabalho com Juldeh Camara, o violinista *riti* em 2004; a formação do quinteto composto por Davide Mantovani (baixista), Surhata Susso (irmão de Seckou), e Samy Bishai (violinista) que em 2006 lançou o primeiro álbum, *Tama Silo: Afro-Mandinka Soul*, e um segundo em 2008 *The Silimbo Passage*. Por esta altura o Quinteto de Seckou Keita, já com Binta Susso como quinto membro permanente, viajava incessantemente tendo realizado mais de 200 concertos em mais de 40 países.

Em 2007, Seckou participou em *Do You Speak Djembe?*, uma *extravagância* de percussão, e em finais da década de 2000 voltou às terras ancestrais do reino de Gabou que há séculos viu nascer o corá. Em 2013, é lançado o muito celebrado álbum *Clychau Dibon*, resultado da sua parceria com a harpista galesa Catrin Finch.

Desde então, e apesar de uma vida repleta, dedica-se à criação do seu álbum a solo – *22 Cordas* –, declaração definitiva sobre quem é, de onde veio e em que acredita.

Pessoal, visceral, este álbum é a afirmação de que o corá (...) é um instrumento muito delicado. Tem a sua quietude, que é como que a sua força invisível. Neste álbum queria

trazer o corá de volta à sua terra, onde realmente pertence. Quero que todos quantos a ouvem percebam que têm mais tempo na vida.” “Este é o álbum a solo que eu esperava.”

## Próximo espetáculo

# Akosh / Benjamin Duboc

Ciclo “Isto é Jazz?”

Comissário: Pedro Costa

**Jazz Sáb 2 de dezembro**

Grande Auditório · 21h30 · Duração: 1h15 · M12

Saxofone tenor Akosh

Contrabaixo Benjamin Duboc

Depois de duos com Joelle Léandre, Gildas Etevenard, Denis Charolles, Sylvain Darrifourcq e Valentin Ceccaldi, eis que Akosh S., músico húngaro implantado bem no centro da cena francesa da improvisação e do jazz criativo – exilou-se no Hexágono quando a Hungria vivia em pleno regime totalitário –, enceta uma nova parceria, desta vez com o contrabaixista Benjamin Duboc. O mesmo multi-instrumentista que tocou com duas figuras de topo do *free jazz* original, Dewey Redman e Don Moye, e colaborou com a banda de rock Noir Désir, encontra neste novo empreendimento uma via mais para expressar o seu estilo único e fortemente influenciado pela tradição popular do seu país de origem, colocando em jogo o livre abstracionismo do fraseado pós-coltraneano e um especial gosto pelas melodias folclóricas. Pelo

© Matthias Creutziger



seu lado, Duboc encontra nesta dupla uma diferente oportunidade de traduzir na prática o conceito de que improvisar é “tocar o que se ouve” e “estar totalmente no presente”, explorando fatores como a fluidez dos discursos e a diluição de elementos nas tramas construídas, bem como opondo noções como complexidade e simplicidade, sentido composicional e intensidade expressiva.

**Conselho Diretivo****Presidente**

Paulo Moita de Macedo

**Administradores**José Ramalho  
(Direção Executiva)Mark Deputter  
(Direção Artística)**Assessores**

Delfim Sardo (Artes Visuais)

Francisco Frazão (assessor  
Teatro para temporada  
2017-2018)Gil Mendo (assessor Dança  
para temporada 2017-2018)**Serviço Educativo**

Raquel Ribeiro dos Santos

João Belo

Tiago Cruz (estagiário)

**Direção de Produção**

Margarida Mota

**Produção e Secretariado**

Patrícia Blázquez

Mariana Cardoso de Lemos

Jorge Epifânio

**Exposições****Coordenação de Produção**

Mário Valente

**Produção**

António Sequeira Lopes

Paula Tavares dos Santos

Fernando Teixeira

**Culturgest Porto**

Susana Sameiro

**Comunicação**

Filipe Folhadela Moreira

Bruno Pereira

**Publicações**

Marta Cardoso

Rosário Sousa Machado

**Atividades Comerciais**

Catarina Carmona

Patrícia Blázquez

**Serviços Administrativos  
e Financeiros**

Cristina Ribeiro

Paulo Silva

Teresa Figueiredo

**Direção Técnica**

Paulo Prata Ramos

**Direção de Cena e Luzes**

José Rui Silva

**Assistente de****Direção Cenotécnica**

José Manuel Rodrigues

**Audiovisuais**

Américo Firmino (coord.)

Ricardo Guerreiro

Suse Fernandes

**Iluminação de Cena**

Fernando Ricardo (chefe)

Vitor Pinto

**Maquinaria de Cena**

Nuno Alves (chefe)

Artur Brandão

**Técnico Auxiliar**

Vasco Branco

**Frente de Casa**

Rute Sousa

**Bilheteira**

Manuela Fialho

Edgar Andrade

Clara Troni

**Receção**

Sofia Fernandes

**Auxiliar Administrativo**

Nuno Cunha

**Coleção da Caixa Geral  
de Depósitos**

Isabel Corte-Real

Miguel Caissotti

Lúcia Marques

Maria Manuel Conceição

Jennifer do Coito (estagiária)

Carolina Machado

(estagiária)

Edifício Sede da Caixa Geral de  
Depósitos · Rua Arco do Cego nº50,  
1000-300 Lisboa · 21 790 51 55  
[www.culturgest.pt](http://www.culturgest.pt)